

Despedida

O trabalhador Orlando Antônio dos Santos, mais conhecido como Sr. Orlando, retornou ao plano espiritual em 28 de maio. O estimado colaborador tem uma história especial de envolvimento com a casa, que é lembrada nesta singela homenagem feita por O IDEAL.

Página 8

A cultura do estupro e o Espiritismo

O artigo aborda o silenciamento e a relativização construídos culturalmente, a partir do machismo, em relação ao crime de estupro, cometido especialmente por personalidades conhecidas, como jogadores de futebol. A autora questiona e critica algumas posturas e ideias que reforçam a cultura do estupro dentro do próprio movimento espírita.

Páginas 7 e 8

Passê coletivo funciona?

É comum as pessoas buscarem o recurso do passê logo após a palestra pública. No entanto, devido aos protocolos iniciados na pandemia, e por outros motivos, o passê coletivo se tornou mais frequente nos centros espíritas. O artigo explica o que é o passê, seus mecanismos e por que também é eficaz no modo coletivo.



Crédito: Wikimedia Commons.

Páginas 3 e 4

▼ Editorial

Aborda a possível aprovação do marco temporal pelo poder legislativo, que ataca violentamente os povos indígenas e ameaça a conservação da floresta amazônica.....2

Sono agitado das crianças



Léia da Hora aborda a dificuldade persistente do sono de algumas crianças, partindo do entendimento espírita sobre a importância da infância na educação do Espírito encarnado. A autora explica as possíveis causas do desassossego e propõe aos pais orientações para lidar com a situação de modo satisfatório.

Crédito: Pixabay.

Páginas 5 e 6

Confira as novidades e participe!



Atividades do IDE-JF

Atendimento Fraterno

Quinta-feira: 20h
Sexta-feira: 15h e 18h

Biblioteca

Segunda-feira: 19h30 às 21h30
Quinta-feira: 19h30 às 21h30
Sexta-feira: 14h30 às 16h
Sábado: 18h30 às 20h30

Curso Básico de Espiritismo

Segunda-feira: 20h

Espiritismo para Crianças e Mocidade

Quinta-feira: 20h
Sábado: 19h
Domingo: 9h30 às 10h30

Farmácia/CAEC*

Terça e sexta-feira: 14h às 17h

Bazar*

Sábado: 9h às 11h30

Grupo de Higiene Mental

(on-line)

Terça-feira: 19h30

Passe

Segunda-feira: 20h
Quinta-feira: 20h
Sábado: 19h

Tratamento Magnético

Sexta-feira: 15h e 18h30

* Funciona na Avenida Santa Luzia, 40 – Bairro Santa Luzia.

Grupos de Estudos

Obra, Autor	Dirigente	Dia, horário Formato
<i>O Espiritismo de uma forma mais simples</i> , Allan Kardec/IDE-JF	Graça Paulino	Domingo, 9h30 Presencial
Cartas de Paulo	João Luiz da Rocha	Segunda, 19h Presencial
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	Thereza Cristina	Quinta, 19h Presencial
<i>Revista Espírita 1862</i> , Allan Kardec	Myrian Jorio	Sexta, 20h On-line



**PALESTRAS
PÚBLICAS**

Quinta-feira | 20h

Sábado | 19h

É recomendável o uso de máscara de proteção facial durante todo o tempo de permanência na casa.

Marco temporal

No último mês de maio, a Câmara dos Deputados aprovou o PL (Projeto de Lei) 490/2007, que inviabiliza demarcações de terras indígenas, ameaça territórios homologados e destitui direitos constitucionais das populações originárias. É mais um ataque da bancada ruralista contra a população indígena e uma grave ameaça à conservação da floresta amazônica. É uma derrota que põe em risco o planeta inteiro por suas consequências ecológicas danosas e irreversíveis.

O PL 490 defende a tese do "marco temporal", que considera a data da promulgação da Constituição Federal brasileira, 5 de outubro de 1988, como marco jurídico para o reconhecimento do direito sobre os territórios indígenas. Essa ideia ignora as violações de direitos que os povos indígenas sofreram ao longo da história, incluindo migrações forçadas. O julgamento do Recurso Extraordinário (RE) nº 1.017.365, que se arrasta há anos no Supremo Tribunal Federal (STF), poderia ter resolvido essa questão sem dar brecha ao Congresso Nacional para essa tentativa de legitimar a violência.

Muitos coletivos e instituições espíritas têm se manifestado em favor da causa indígena, unindo vozes e esforços para barrar a iniciativa no Senado, e pressionando o STF para dar fim ao processo e garantir legalmente o direito dos povos originários sobre suas terras. A violência colonizadora continua ativa e precisamos confrontá-la. O Espiritismo nos esclarece que somos nós que criamos as desigualdades de todos os tipos [1] e que nos compete lutar para fazer uma sociedade na qual se realize efetivamente a igualdade dos direitos sociais; nesse caso, dos povos indígenas que estão há séculos sofrendo opressão e exploração. É nosso dever cumprir a lei divina de justiça.

¹ O Livro dos Espíritos, item 806.

Diretoria do IDE-JF

Departamento Administrativo: Ademir Amaral e Marco Antônio Corrêa
Departamento de Comunicação: Allan Gouvêa e Gabriel Lopes Garcia
Departamento Doutrinário: Geraldo Marques e Myrianceli Jorio
Departamento Editorial: Angela Araújo Oliveira e Elisa Marques da Costa
Departamento de Evangelização: Janezete Marques e Lucas Rieger de Oliveira
Departamento Mediúnico: Juliana Martins Nader Leite e Léia da Hora
Departamento Social, de Promoção e Eventos: Claudia Nunes e Graça Paulino

Expediente

O IDEAL é uma publicação mensal do Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora – Rua Torreões, 210 – Santa Luzia – 36030-040 Juiz de Fora/MG
Tel.: (32) 3234-2500 – divulgacao.idejf@gmail.com
Departamento de Comunicação: Allan de Gouvêa Pereira e Gabriel Lopes Garcia
Jornalista Responsável: Allan de Gouvêa Pereira – MTE: 18903/MG
Editoração: Angela Araújo Oliveira
Tiragem: 500 exemplares
Impressão: W Color Indústria Gráfica – Tel.: (32) 3313-2050
Os artigos não assinados são de responsabilidade do Departamento de Comunicação do IDE-JF.

Passes coletivos funcionam?

Gabriel Lopes Garcia

Um dos hábitos mais difundidos nos movimentos espíritas brasileiros é a palestra pública seguida de passes individuais. Em quase todos os centros que adentramos, verificamos tal procedimento. Companheiros trabalhadores e frequentadores de longa data naturalizaram tanto essa prática, que não percebem a sua construção cultural, que é fruto de uma escolha. Automatizam com baixa reflexão tais ações e cercam o tema com mistérios inconsistentes com a estrutura do Espiritismo. Há pessoas que se sentem desamparadas, caso sua audição da exposição doutrinária não seja completada pelo serviço do passe individual pela imposição de mãos.

Nossa cultura é impregnada de ritualismos, cultos exteriores, e as religiões cumprem papel destacado nesse sentido, produzindo valorações de atitudes que se fixam longamente no imaginário popular. Dentre essas ações externas, encontra-se a interferência de outro sujeito sobre mim, produzindo benefícios e conselhos que devo seguir obedientemente, sem raciocinar nem assumir responsabilidades.

No que se refere ao chamado passe espírita, é notável a necessidade de se aprofundar as pesquisas sobre as suas práticas, superando visões e condutas superficiais. Alguns mitos há que se desfazerem, quantas vezes forem necessárias, de modo a nos educarmos nesse aspecto rotineiro, fazendo um uso mais pragmático desse recurso.

Estou convencido de que *não existe obrigatoriedade de passe individual*

após palestra de exposição espírita. A prática é antiga e bastante comum. Nada obstante, trata-se de uma escolha de cada diretoria e não tem caráter obrigatório. Essa opção é feita em cada lugar pelos seus motivos próprios. Ocorre que, devido ao costume e à referida herança cultural, muitos são os que pensam desse modo. Existem os exageros tipificados naqueles que chegam somente nos minutos finais, menosprezando as reflexões espíritas; e os ansiosos que contam os minutos para terminar a “falação” e irem logo receber o que acreditam precisar e o motivo principal de estarem ali.

Cada centro espírita guarda autonomia para decidir sobre esta questão: oferecer ou não passes individuais após as palestras, substituir por passe coletivo, ou oferecer somente no atendimento fraterno (caso tenha tal serviço). Todas as opções elencadas acima acontecem em Juiz de Fora e talvez em outras cidades também. Além disso, existem as equipes que visitam hospitais e lares onde se encontram pessoas adoentadas ou fragilizadas que não podem ir aos centros e pedem esse serviço. São criaturas nitidamente necessitadas do concurso do passe individual, o que, aliás, nos remete à importância de ajuizar a real necessidade de buscarmos o passe.

Transmissão de fluidos

Allan Kardec era um magnetizador de longa data antes de pesquisar o fenômeno mediúnico. Com a formulação do Espiritismo, ele pode alargar a ação do magnetismo considerando a atuação dos

Espíritos no processo. Didaticamente, ele propôs a seguinte classificação [1] das trocas fluídicas voluntárias, com base nos agentes (grifos nossos):

A ação magnética pode produzir-se por diversas maneiras:

1º Pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação é subordinada à potência e sobretudo à qualidade do fluido.

2º Pelo fluido dos Espíritos que atuam diretamente e *sem intermediário* sobre um encarnado, seja para curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade está em razão das qualidades do Espírito.

3º Pelo fluido que os Espíritos derramam sobre o magnetizador e ao qual este serve de condutor. É o *magnetismo misto, semiespiritual* ou, se assim o quisermos, *humano-espiritual*. O fluido espiritual, combinado com o fluido humano, dá a este último as qualidades que lhe faltam. O auxílio dos Espíritos, em tais circunstâncias, é por vezes espontâneo, porém com mais frequência é provocado pelo apelo do magnetizador.

Deduzimos da escrita do mestre lionês que as maneiras de ação fluídica típicas de centro espírita são a segunda e a terceira. Oportuno destacar que a ênfase da

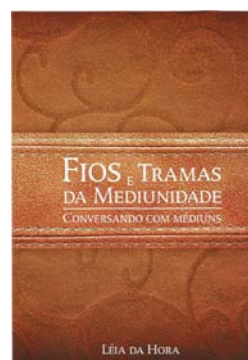


Fios e tramas da mediunidade: no âmbito da reunião mediúnica (2018)

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria



Fios e tramas da mediunidade: conversando com médiuns (2012)

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria

abordagem não está no método, e sim na origem e no veículo dos fluidos. Isso porque, no mesmo capítulo cujo trecho transcrevemos acima, o codificador, com os Espíritos superiores, desenvolve o entendimento de que *pensamento e vontade* são as ferramentas de ação fluídica. O poder de tal ação está em relação direta com a elevação de pensamento do doador e sua força de vontade.

Os fluidos apresentam características que refletem o pensamento que os manipula e os direciona para os diversos fins e interesses. O Espírito bem-intencionado, secundado por superiores, e no auxílio ao próximo, é capaz de transmitir fluidos de teor saudável e restauradores da harmonia somática e perispiritual. Logo, é muito natural utilizar esse recurso eficaz de maneira regular nos ambientes de elevação dos pensamentos, de reflexões morais sérias, de prece e trabalho caritativo, como os centros espíritas.

Passe não é necessariamente imposição de mãos. Isso vale tanto para o individual quanto para o coletivo. Esta é a técnica mais conhecida e usada pelos espíritas e, por isso, a confusão entre ação e método. *Passe, na terminologia espírita, significa transmissão intencional de fluidos salutares* [2]. Há vários modos de transmitir fluidos de uns para os outros, sendo a imposição de mãos, em ambiente harmônico e de boas intenções, um de seus métodos mais vulgarizados desde as pesquisas de Mesmer no século XVIII. Essa tradição remete ao exemplo de Jesus no Evangelho e dos apóstolos (Lucas 13, 12-13).

Pela leitura de Kardec, fica claro que o pensamento é tudo, aliado à firme vontade esclarecida. *No passe, o fundamen-*

tal é o pensamento, tanto de quem doa os fluidos quanto daqueles que os recebem. O passe espírita dispensa técnicas padronizadas. Não sabemos exatamente quais movimentos são adequados para a transmissão fluídica e de que modo ocorre a manipulação e a passagem da matéria sutil entre os sujeitos.

Há muita especulação nesse aspecto e carecemos de mais informações e pesquisas para avançar no entendimento da questão. Nenhum método em particular parece ser mais eficiente nesta transmissão energética, nem mesmo o passe individual de imposição de mãos, posto que a elevação de pensamentos e propósitos constitui o verdadeiro critério de eficiência. Mente aberta às inspirações do mais alto, coração buscando a Deus em prece e pensamento concentrado nas reais necessidades são fatores essenciais nessa troca fluídica.

Depreende-se, ainda, que o próprio ambiente da atividade espírita é propício para a segunda forma de ação magnética, dos Espíritos atuando diretamente sobre os encarnados. É preciso tomar mais consciência disso. Enquanto estamos compenetrados no estudo doutrinário, sob o manto da prece, recolhidos e sérios, os Espíritos benfeitores agem ativamente sobre nós transmitindo fluidos e conselhos salutares. Na maioria das ocasiões, esse serviço atende às nossas necessidades em sua totalidade, dispensando-nos de buscar mais recursos de mesma natureza. É curioso observar a cena de pessoas correndo dos grupos de estudo ou até das mocidades para entrar na fila do passe. Ignoram que já foram devidamente atendidas nos ambientes em que fizeram suas reflexões.

Poderá argumentar o leitor atento que em muitas situações vige a necessidade também de se receber fluidos de reencontrados no atendimento das carências fluídicas. Estamos de acordo, porém fazendo a ressalva de que o intercâmbio de fluidos ocorre sempre em função do pensar e do querer dos sujeitos. Isso quer dizer que, *também no passe coletivo, ocorre essa doação dos fluidos de encarnados para encarnados*.

Se as condições descritas anteriormente forem atendidas, é de se esperar que aqueles companheiros mais equilibrados e saudáveis doem fluidos salutares para outrem em situação de fragilidade psicossomática. Todos os presentes recebem os benefícios do mais alto, e o ambiente fica tomado de ações magnéticas mistas, em um panorama rico de vida coletiva, solidária e fraterna.

Portanto, o passe coletivo pode ser tão eficaz quanto o passe individual, pois, conforme argumentamos, o pensamento elevado e a boa assistência espiritual são os fatores principais de sucesso no intercâmbio fluídico. Convém educar os companheiros porventura insatisfeitos para que possam compreender isso, mesmo que conservem a preferência pela prática individual.

[1] Kardec, Allan. *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Capítulo XIV, item 33. LAKE, São Paulo, 2005.

[2] Os fluidos espirituais constituem a matéria sutil de que é formado o perispírito e tudo o que existe no mundo espiritual.



O Espiritismo de uma forma mais simples (3ª edição – revisada 2014)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



O Evangelho de uma forma mais simples (2009)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria

Filhos, sono e ambiente familiar

(diálogo entre Juliana Martins Nader Leite e Léia da Hora)

Juliana – Gente querida, espero que estejam todos bem.

Quem tem filhos ou convive com os filhos de outro alguém, em algum momento da vida, certamente, já pensou ou ouviu perguntar: por que meu pequeno/minha pequena não dorme? O que eu posso fazer para ajudar? Qual é a minha contribuição nesse processo?

Apresentar alguma inconstância no sono, vez ou outra, a depender do dia da criança, é algo comum, normal mesmo; porém, por vezes, o quadro se alonga e as dificuldades intensificam-se. O que fazer, então?

Antes de mais nada, é de suma importância lembrar que, como dito na resposta à questão 584 de *O Livro dos Espíritos*, a infância é a fase da vida na qual “o homem está mais acessível às impressões que o podem ajudar a progredir. A educação que se lhe dá, durante a infância, tem decisiva influência sobre o seu futuro”. É relevante não perder de vista a condição peculiar da infância humana para melhor compreendê-la, entendendo que o espírito, na tenra idade, também está mais suscetível a sofrer as influências (inclusive as negativas) do meio em que vive.

Daí a importância de se cultivar um ambiente doméstico harmonioso, saudável, amoroso, em que se faça, por exemplo, com regularidade, o culto do Evangelho no lar (o que, em verdade, deve ser feito tendo filhos ou não).

Mesmo assim, pode ser que a criança continue com alguma dificuldade em

dormir uma noite tranquila, não é mesmo? E aí a angústia costuma se instalar no coração dos pais...

Segundo bem explica o Espiritismo, durante o sono, o Espírito se desprende do corpo físico, embora ainda permaneça a ele ligado. Léia, explica melhor isso para nós? Aproveita e fala um pouco mais sobre o assunto?!

Léia – Alô, Juliana, já estava com saudades desse nosso bate-papo.

Questão realmente preocupante esta proposta, posto que os pais só conseguem tratar e cuidar bem dos filhos quando estão descansados e bem-dispostos. E, estes, via de regra, estão cansados ou esgotados mesmo.

Vamos iniciar nossa reflexão trazendo o bondoso Jesus, quando orienta os discípulos (Mateus, 19:14): “Deixai vir a mim as criancinhas...”. Ele não só convida ao Espírito recém-encarnado para seguir-lhe os passos, como também fala aos adultos: mostrem a essas crianças como seguir-me os passos. Isso porque, na idade infantil, o Espírito encontra-se “mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo. (*O Livro dos Espíritos*, item 383).

Explicam-nos os Espíritos da codificação que o Espírito, nessa fase encarnatória, sofre uma espécie de constrangimento imposta pela imperfeição dos órgãos. Não podendo obrar livremente por não ter um instrumento apto a servi-lo, o Espírito cumpre uma

necessidade estabelecida pela Lei Natural, tendo em vista uma providência benéfica a ele. Mas o Espírito, esclarece Kardec, não sofre por isso, ele está em repouso.

Quanta sabedoria na misericórdia de Deus, hein, Juliana?

Na questão 352 de *O Livro dos Espíritos*, estes esclarecem a Kardec que “as faculdades do Espírito se desenvolvem gradualmente com os órgãos. O Espírito se acha em uma existência nova; preciso é que aprenda a servir-se dos instrumentos de que dispõe. As ideias lhe voltam pouco a pouco, como a uma pessoa que desperta e se vê em situação diversa da que ocupava na véspera”.

Entendida essa parte, vamos ampliar a compreensão do que venham a ser as “influências exteriores”, não só a influência do meio material como também a do meio espiritual. E, assim sendo, a dos Espíritos que se encontram em torno da criança e a sua própria influência, objetivando-se na forma de lembranças e recordações, bem como de sentimentos de culpa, de medo ou, ainda, de revoltas do passado.

Nesse sentido, pode-se compreender o porquê da necessidade do Evangelho no Lar, como você bem mencionou anteriormente. Lembro-me do livro *Jesus no Lar*, de Neio Lúcio, quando ele relata as dificuldades e desavenças no lar de Pedro por parte dos familiares, e Jesus, ao estudar as sagradas escrituras, esclarece que somos tão duros de coração que não



A Mediunidade de uma forma mais simples (2016)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



Que somos nós? Um estudo da interação Espírito, corpo e ambiente (2015)

Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques, Carlos Alberto Mourão Júnior, Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio Gouvêa, Eliane Banhato e Lyderson Viccini

R\$ 22,00

Disponível na Livraria

conseguimos conviver pacificamente. A terapia do Evangelho mostra que o perdão, a paciência, a humildade e, não menos importante, a obediência são, muitas vezes, o remédio calmante para as inquietações do coração que nos perturbam os dias e as noites, tirando-nos o sono. Esse desassossego na alma dos pais cria uma insegurança que se espalha por todo o lar, e as crianças que nos sabem e nos sentem se inquietam também.

Outro ponto não menos importante, Juliana, é o citado por Kardec: “as faculdades do Espírito se desenvolvem gradualmente com os órgãos”. Esse fato faz com que o Espírito, ainda muito aberto às impressões da dimensão espiritual, inquiete-se e, não tendo um instrumento adequado ao seu comando, seu sentido espiritual continua aguçado, registrando, desta forma, mesmo que inconscientemente, seu próprio passado espiritual e suas sensações. Por isso, surgem os sentimentos turbulentos.

É nesse momento crucial de sua vida que ele mais precisa de bons hábitos, de disciplinas educativas e consoladoras. Ora, sabemos que o ser humano ainda traz, muito fortemente, sua natureza animal. Essa natureza nos torna condicionáveis às repetições das experiências e, durante o período infantil, o Espírito ali, mais dócil posto que mais frágil, ouve, vê e sente, na convivência diária com os pais, novos conceitos muito mais de acordo com as leis naturais do que as leituras que ele teve no passado espiritual. Essas impressões e esses ensinamentos gravam-se poderosamente em sua alma.

Ainda nos resta observar nosso estado espiritual pouco avançado e, por isso mesmo, ainda somos Espíritos cheios de medos e frouxidão de caráter ante o que ignoramos e não compreendemos. Por esse motivo, igualmente a fé no bem é incipiente e qualquer coisa assusta. Por outro lado, o mal se materializa aos nossos olhos, amedrontador, senão violento.

Por que tanta explicação sobre o problema da inquietação infantil? Porque, quando sabemos as causas, mais fácil se torna resolvê-lo.

Vejamos agora, Juliana, alguns recursos que fui observando ao longo do tempo em que fui estudando e juntando as orientações de vários autores espirituais, do próprio Kardec e de estudiosos da área médica e da psicologia em suas pesquisas e consequentes descobertas.

Aos adultos responsáveis pela criança, é muito importante ter uma fé robusta em Deus. Fica mais fácil falar dEle para ela. Do amor dEle por nós. A ideia da proteção e da presença de Deus junto a nós nos dá segurança e paz. Este é o primeiro ponto.

Falar ao Espírito enquanto a criança dorme pode ser muito útil, no sentido de que ele nos “ouve”. Muito embora a criança não compreenda as palavras ali articuladas, ela as sente em essência, porque é a ideia que lhes estamos transmitindo.

Dizer a ela/ele: “Minha filha, meu filho, você é filha(o) de Deus, está protegida(o) por Ele, por Suas Leis amoráveis. Você nasceu em um lar seguro, tem pais e familiares que te amam e velam por você. Você tem um anjo

guardião que está sempre ao seu lado. Acalme-se, durma em paz”.

Observe a misericórdia da Lei Natural agindo em favor das crianças, mesmo no caso dos pais que ainda não se sentem seguros em sua fé, ou não tenham conteúdos pacificadores o suficiente em si mesmos: eles podem pegar carona no pensamento tranquilo e sereno daqueles que nos precederam, utilizando de leituras edificantes do seu autor favorito, daquele que mais lhes sensibiliza a alma. Antes de falar ao filhinho querido, ler uma página que ilumine o ser e acalme os anseios; aí sim, elevados pelo esforço realizado, estaremos também, em boa companhia espiritual.

Olha, Juliana, não basta darmos às crianças o que comer e vestir, não basta a escola em sua formação intelectual; é importante não nos esquecermos de que somos Espíritos imortais e que aqui estamos trabalhando moralmente para sermos homens de bem. Então, os conteúdos espirituais são o que de mais importante há para o Espírito. É isso que nos acalma e nos dá segurança.

A missão dos pais é árdua, mas sublime. Nossos filhos são nossos companheiros de jornada. Eles não são um peso, eles não são perda de tempo. Nosso elo é verdadeiro e profundo. Eles confiaram em nós ao nos escolher como seu suporte na presente encarnação.



**Breve história de todos nós –
Uma síntese do tema Evolução
e Espiritismo (2014)**

*Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques,
Carlos Eduardo Nogueres, David Sérgio
Gouvêa e Lyderson Viccini*

R\$ 25,00

Disponível na Livraria



Maco, o prego feliz (2013)

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria

A cultura do estupro e a minissaia cármica

Elizabeth Hernandez

Infelizmente, no Brasil, todo dia há “inspiração e intuição” para se falar de crimes sexuais contra mulheres, desde 1500. Além de pentacampeão em mundiais de futebol masculino, o país é, no mínimo, hexacampeão na modalidade “casos de jogadores condenados por estupro”. De acordo com notícias amplamente divulgadas na imprensa, os atletas Robinho, Daniel Alves, Cuca, Eduardo Hamester, Fernando Castoldi e Henrique Etges carregam a desonrosa taça.

Tendo em vista essa amostra, composta por atletas que cometeram a “bobagem” de estuprar mulheres em países que não têm esse hábito incorporado à cultura local, é inevitável questionar quantos mais haverá, sem condenação, principalmente se o ato tiver sido cometido em plagas verde-amarelas. Cabe lembrar, neste momento, de um caso rumoroso contra um outro jogador rico e famoso, que não foi condenado. Mas a mulher que o acusou, esta sim, foi condenada em todas as instâncias da internet.

Outra peculiaridade brasileira é o espiritismo exercido como religião. A doutrina sistematizada na França por Allan Kardec, aqui adotou dogmas e tabus próprios de prática religiosa instituída e, para falar sobre a cultura do estupro no contexto do espiritismo, é necessário refletir sobre a definição do que seja a tal abjeta cultura e também sobre o significado dos termos “dogma” e “tabu”.

Em artigo acadêmico publicado na Revista Direito GV, edição dez/2017[1], os autores listam algumas características associadas à expressão “cultura do estupro”, desenvolvida, em 1970, por pesquisadoras estadunidenses, para designar o tratamento social e jurídico que culpabilizava as mulheres pela violência sofrida. Também estão associados à expressão a prática de guerra que estimula a violação para “elevar o

moral da tropa” e o ensino, às mulheres, de comportamentos que, supostamente, as ajudarão a proteger-se, como vestir-se de modo discreto ou evitar andarem sozinhas, assumindo que o comportamento feminino tenha alguma relação com a conduta sexual masculina.

O termo “dogma”, etimologicamente vem do grego e designa “aquilo que se pensa que é verdade”, mas, no contexto religioso, é dado como “verdade”, portanto, algo incontestável. Já o “tabu”,



de origem polinésia, significa a proibição de determinado ato, com base na crença de que este invadiria o que está no campo do sagrado, implicando em perigo ou maldição para os indivíduos comuns[2].

E aqui chegamos ao movimento espírita hegemônico no Brasil, que estabelece dogmas e tabus relacionados ao corpo das mulheres e às violências lhes impostas, adotando a prática do silenciamento, quando o assunto é estupro.

O artigo “Cuca, a cultura do estupro e os movimentos espíritas”, de autoria de Gabriel Lopes Garcia[3], defende a necessidade de discutir a questão no meio espírita brasileiro, que também reflete a cultura e os aspectos sociais do país. O autor ressalta que “é preciso

superar os tabus e discutir francamente estas questões nas instituições espíritas, de modo a enfrentar o problema, (re)educando as pessoas, prevenindo crimes e orientando as vítimas na busca de justiça e proteção.” Destaca o que chama de “versão espírita da cultura do estupro”, por meio da idealização da mulher, a quem se atribui “características de elevação espiritual” como “feminilidade, docilidade e capacidade de suportar heroicamente as agressões masculinas, pois a renúncia é sua virtude mais valorizada”.

Garcia destaca um aspecto torpe desta cultura, criado na mitologia espírita: a relativização do crime por meio da difusão da ideia – jamais comprovada e jamais escrita em nenhuma obra fundadora do espiritismo – da existência de “uma suposta afinidade fluídica entre a vítima e o estuprador”. De acordo com essa falácia, o criminoso não escolheria a vítima ao acaso e sim teria com esta “uma suposta ligação espiritual, de passada reencarnação”. Trata-se de uma forma sofisticada de culpar a vítima e fazer uma inversão perversa da lei moral de causa e efeito, ou seja, os divulgadores de tais ideias

criaram um tipo de “minissaia cármica” para justificar o silenciamento de uma forma hedionda de violência contra as mulheres.

Um dos aspectos feministas da doutrina espírita é encontrado nas perguntas 200 e 201 de *O Livro dos Espíritos*, que abordam o princípio de que os espíritos não têm sexo, podendo reencarnar, na Terra, como homens ou mulheres e que tal ocorre com vistas ao aprendizado e ao progresso.

Passa da hora de romper o silenciamento das mulheres nas casas espíritas, onde, por dever de fraternidade, deve-se abordar a erradicação da cultura do estupro, para progredirmos de forma mais rápida na construção de uma sociedade fraterna e moralmente elevada.

Vale comemorar o fato de um esturador não ter permanecido mais que seis dias no comando de um grande time de futebol, em um país onde essa modalidade esportiva é componente perene da cultura. Mas é preciso lembrar que a vítima desse esturador está há 36 anos convivendo com as marcas dessa violência. E esse aspecto do “lembrar” não está associado a um sentimento de vingança e sim ao conceito de valores

culturais, tal como citado no artigo de Campos et al. (2017), já mencionado, segundo o qual “valores culturais são dinâmicos, uns de longa duração, outros de curta duração e as relações dos sujeitos com o vasto repertório simbólico dependem de suas posições nas relações de poder”.

Para erradicar a cultura do estupro, faz-se necessário interferir nas relações de poder entre homens e mulheres

aqui na Terra mesmo, onde cada um de nós reencarnará em uma condição masculina ou feminina. É aqui, na convivência coletiva, que temos de nos construir e nos reconstruir como espíritos imortais.

A doutrina espírita, que se baseia em conceitos de progresso e de amor, não pode mais imputar o uso de uma espécie de “minissaia cármica” às mulheres, para justificar a violência sexual.

[1] Campos CH, Machado LZ, Nunes, JK, Silva, AR. “Cultura do Estupro ou cultura antiestupro”. Revista Direito GV, v. 13, n.3, set-dez 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/FCxmMqMmws3rnnLTJFP9xzR/?lang=pt>.

[2] Ver Wikipedia mesmo.

[3] Disponível em: <https://ide-jf.medium.com/cuca-a-cultura-do-estupro-e-os-movimentos-esp%C3%ADritas-fd9a-38f9f818>.

Homenagem ao Sr. Orlando



Despedimos, no último 28 de maio, do trabalhador Orlando Antônio dos Santos, o Sr. Orlando, que desencarnou aos 93 anos de idade. O colaborador participou, durante quase 20 anos, das atividades sociais do IDE-

-JF. Ele tinha uma história muito interessante de ligação com a casa, que foi, inclusive, registrada na edição n. 187, de setembro de 2011, do jornal O IDEAL.

Embora não se declarasse espírita, Sr. Orlando foi um dos trabalhadores mais engajados nas tarefas do domingo. A referida edição do jornal destacou que a dedicação dele ao trabalho impressionava a todos que conviviam com ele, mas que poucos sabiam sobre o início de seu envolvimento com o Instituto.

O texto narra que o colaborador conheceu o trabalho do IDE-

-JF por conta da obrigatoriedade de realizar serviços comunitários como pena alternativa por dirigir com a documentação vencida. Morador do bairro Santa Luzia, ele recebeu, no início dos anos 2000, uma carta com a indicação de cumprir 60 horas de trabalho voluntário no Instituto.

Sr. Orlando foi encaminhado, então, para a atividade social, na qual passou a ajudar na organização do lanche oferecido aos frequentadores do projeto. Após a conclusão da pena, ele afirmou que não sairia mais dali. Para O IDEAL, em 2011, Sr. Orlando declarou que gostava de ajudar e que admirava a casa, ressaltando que a convivência com os outros trabalhadores havia permitido a ele desenvolver laços de respeito e amizade.

A ex-diretora do antigo Departamento Social, Joselita Valentim, conta que o Sr. Orlando era “um trabalhador incansável”, que se dedicava desde preparar alimentos, servir, lavar até consertar telhado, torneiras, vazamentos e ligações elétricas. “Não se envolveu com a doutrina espírita, mas seu carinho, sua caridade com o próximo e com a família, atendendo a todos sempre com atenção e presteza, tornou-o amado por todos”, ressalta Joselita.

Através deste texto, o IDE-JF agradece e homenageia o Sr. Orlando, que deixará saudades.